



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 11-36

**Possibilidades de ações clínicas fenomenológicas em Psicologia  
frente à solidão entre universitários na contemporaneidade**

**Possibilities of phenomenological clinical actions in psychology in  
the face of loneliness among university students in the  
contemporaneity**

Shirley Macedo

**Resumo**

Na sociedade contemporânea, os sujeitos são pressionados pela cultura da alta performance e, muitas vezes, em virtude do esforço que empregam, experimentam o cansaço de serem si mesmos. Essa cultura é constituída por valores como competitividade desenfreada, falência de vínculos e precarização da solidariedade. No cenário, adolescentes e adultos jovens, afetados por esses valores, podem vivenciar solidão, comprometendo a qualidade de vida e a saúde mental. Diante disso, nosso objetivo no presente ensaio é realizar uma leitura sobre o sentimento de solidão na contemporaneidade, refletindo sobre ele entre universitários e, a partir da experiência como supervisora de plantão psicológico e grupos interventivos em universidades, defendermos intervenções clínicas fenomenológicas para favorecer a ressignificação do sofrimento que a solidão desencadeia nessa população. Para tanto, definimos o que seja solidão, esboçamos alguns estudos sobre esse sentimento entre jovens universitários e descrevemos intervenções clínicas fenomenológicas frente à solidão. Concluimos, principalmente, a necessidade de intervenções pautadas na ética da ação coletiva realizadas no próprio contexto universitário, para que os discentes possam compartilhar o sofrimento frente à experiência de solidão e construir estratégias de enfrentamento.

**Palavras-chave:** Solidão; Universidade; Sofrimento Psicológico; Saúde Mental; Política de Educação Superior; Intervenção Psicológica.

**Abstract**

In contemporary society, subjects are pressured by the high-performance culture, and due to the effort they make, they frequently feel tired of being themselves. This culture is composed of values such as unbridled competitiveness, failure of bonds, and precarious solidarity. In this scenario, adolescents and young adults, affected by



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

these values, may experience loneliness, compromising their quality of life and mental health. In this context, the objective of the present essay was to analyze the feeling of loneliness in contemporary times, reflecting on it among university students and, from the experience as a supervisor of a psychological on-call service and intervention groups in universities, defending phenomenological clinical interventions to favor the re-signification of the suffering that loneliness triggers in this population. Therefore, loneliness is defined, some studies on this feeling among young university students are outlined, and phenomenological clinical interventions in the face of loneliness are described. In conclusion, interventions based on the ethics of collective action have to be conducted in the university context, so that students can share the suffering facing the experience of loneliness and develop coping strategies.

**Key words:** Loneliness; University; Psychological Distress; Mental Health; Higher Education Policy; Psychosocial Intervention.

O filósofo e pensador Paul Ricouer (1991), há mais de três décadas, em sua obra *O si-mesmo como um outro*, defendia que, na hipótese do sujeito estar só no processo de busca de si-mesmo, a experiência nunca seria totalizável sem o auxílio do Outro, pois ele ajuda o Eu a se reunir, a se firmar e a se manter na sua identidade. Quase uma década depois, no entanto, Enriquez (1998/2013), psicossociólogo clínico, iniciou um artigo com o seguinte trecho: “O novo indivíduo vive só [...]. As grandes cidades estão, cada vez mais, constituindo-se em conservatórios de indivíduos isolados” (p.19).

Naquele artigo, Enriquez (1998/2013) destacou que, na contemporaneidade, o ser humano, que é dotado de uma grande capacidade de estabelecer relações interpessoais, encontra-se sozinho, face a si mesmo, sem saber o que fazer frente ao seu isolamento. Mesmo tendo se tornado um empreendedor de si mesmo, esse sujeito sente o mundo pesar sobre seus ombros e experimenta uma angústia social: buscou o sucesso a qualquer preço, virou adepto da meritocracia, rendeu-se ao individualismo, e ninguém mais pode ajudá-lo nessa tarefa, pois todos estão submetidos ao mesmo sistema.



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Numa ótica semelhante, mas partindo da filosofia sul-coreana, Byung-Chul Han (2010/2017), anos depois, denominou a sociedade contemporânea de “sociedade do cansaço”, destacando que ela se caracteriza pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza, sendo pobre de negatividade e perpassada pelo excesso de positividade. É, nesta medida, uma sociedade pressionada pelo desempenho e em guerra consigo mesma, que produz sujeitos depressivos e fracassados diante do esgotamento e do esforço que empregam para serem si mesmos, em um contexto de carência de vínculos.

Han (2010/2017), assim, lembrou Hannah Arendt e sua menção ao provérbio de Cato, que afirma que vistos do exterior, esses sujeitos nada fazem, porque “jamais se está menos só do que quando se está só na solidão consigo mesmo” (p.49). Nesse sentido, “o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (p. 71), pois os sujeitos estão distantes um do outro, cada um no seu espaço, sob cansaço extremado, solitários e destruidores do mundo.

Percebemos, então, que, ao longo de mais de 30 anos, diferentes estudiosos ao redor do mundo parecem ver a solidão como produto da cultura contemporânea, o que nos faz pensar que, na contemporaneidade, os modos de ser e viver, marcados por valores como competitividade, precarização dos laços solidários, individualismo e isolamento das pessoas, podem ser deflagradores, como bem destaca Ferreira (2013), de novas patologias sociais que têm efeitos adversos na capacidade humana de solidariedade e de cooperação no âmbito social e no mundo do trabalho.

Ferreira (2013) argumenta que, no mundo do trabalho, o sofrimento é silenciado, mas um aspecto crucial para a manutenção da saúde mental é o reconhecimento, que vem do outro. A ausência desse reconhecimento, aliada à fragmentação da solidariedade, pode levar a



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

vários modos de adoecer. Assim, o autor lembra Dejours e sua célebre afirmação de que, hoje, todas as patologias inerentes ao mundo do trabalho são também patologias da solidão, as quais podem ser denominadas de patologias do silêncio, decorrentes do adoecimento das relações sociais, do assédio moral e da violência psicológica. Essa última constitui uma agressividade contra si mesmo, resultante de um processo de diluição da solidariedade, intensificação do sofrimento e deteriorização da própria relação do sujeito com o seu trabalho.

Com uma perspectiva semelhante, Macêdo (2018) se refere à falência da solidariedade nas universidades, que também funcionam a partir da lógica produtivista presente na cultura da alta performance, a partir da qual os estudantes estão expostos constantemente ao fracasso, envolvidos com autocobranças e tornando-se cúmplices deles mesmos. Segundo a autora,

À mercê de si mesmo, sem poder contar com outro com quem possa dialogar, o sujeito estaria fadado a suportar, na solidão e no silenciamento, as forças destrutivas que o atormentam, e uma delas seria assumir a culpa pelo próprio fracasso (p.270).

Isso se passaria na esfera do privado, comprometendo o mundo compartilhado da convivência e, poderíamos dizer, levando esses sujeitos a experimentarem, também, uma solidão patológica.

Diante do acima exposto, considerando a importância de tematizar a solidão na cultura da alta performance, nosso objetivo no presente ensaio é realizar uma leitura sobre o sentimento de solidão na contemporaneidade, refletindo sobre ele entre universitários e, a partir da nossa experiência como supervisora de plantão psicológico e grupos interventivos em universidades, defender intervenções clínicas para favorecer a resignificação do sofrimento que a solidão desencadeia nessa população.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

## **O que é a solidão**

Diversos autores contemporâneos definem a solidão como a percepção que o sujeito tem de que, independentemente de haver ou não outras pessoas por perto dele, seus relacionamentos sociais são insuficientes ou inadequados. Isso causa tristeza e sensação de vazio, podendo levar a adoecimento físico, transtornos mentais e risco de suicídio, a ponto de, em alguns países, a solidão ser considerada um problema de saúde pública (Barroso, Sousa, & Rosendo, 2023).

Nos anos 2000, porém, Moreira & Callou (2006) realizaram um amplo estudo multicultural qualitativo-fenomenológico sobre a relação entre solidão e depressão no Brasil, no Chile e nos Estados Unidos. Mesmo tendo constatado que alguns relatos dos sujeitos entrevistados revelavam situações de solidão que levaram à depressão, as autoras concluíram que, para a maioria dos casos, a solidão era constitutiva da etiologia da depressão, pela qual os sujeitos tinham experiências como angústia, abandono, sofrimento e isolamento.

Já Rodrigues (2018) enfatizou que a dimensão relacional é essencial à vida do ser humano e que a solidão é uma fonte de sofrimento significativo, associada à redução da qualidade de vida e ao aumento da morbimortalidade, o que tornam urgentes intervenções que promovam uma sociedade mais integradora. Por sua vez, Barroso, Oliveira e Andrade (2019) lembraram que a solidão é uma condição psicológica debilitante, caracterizada por um profundo sentimento de isolamento social, vazio e ameaça pessoal.

Rodrigues (2018) diferenciou isolamento social de solidão, destacando que o primeiro se refere a uma redução de interações e relacionamentos interpessoais, enquanto a segunda se trata de um sentimento complexo que resulta de uma percepção desagradável de falta de apoio e rede social. A solidão também se diferencia da solidão, a qual, para Almeida (2020), é uma escolha pessoal pela solidão com



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

positividade e otimismo: quando alguém tem prazer com a própria companhia, ou seja, é um ato voluntário de ficar a sós consigo mesmo sem incômodo ou sensação de vazio.

Esses autores nos levam a pensar que o sentimento de solidão é muito complexo. Por exemplo, muitas pessoas podem querer ser apoio de alguém, mas esse alguém ainda se sentir sozinho por não se sentir ligado emocionalmente a essas pessoas; outros, ainda, podem se sentir sozinhos mesmo morando e estudando com diversas pessoas, já que a solidão é um sentimento subjetivo. Quem se sente sozinho apresenta um estado de hipervigilância do seu entorno social, com prevalência de perceber aspectos negativos desse contexto, o que lhe dificulta mais ainda o estabelecimento de novas interações sociais, que, por sua vez, pode ampliar o isolamento e o sentimento de solidão.

Essa complexidade está atrelada a diversos fatores de risco, que, para Rodrigues (2018), são geralmente e dentre outros: contatos pouco frequentes com amigos e família, rede social reduzida, viver sozinho, insatisfação com as condições de vida, incapacidade para estar sozinho, estresse ocupacional, conflitos familiares ou conjugais, relações de baixa qualidade, divórcio e viuvez.

Diante desses fatores de risco, Rodrigues (2018) lista alguns fatores de proteção, como o casamento, a educação superior e o maior rendimento econômico. No entanto, percebemos que, para algumas pessoas, esses fatores protetivos também podem significar fatores de risco. Portanto, é necessário compreender a complexidade da questão quando, por exemplo, lidamos com universitários que apresentam esse sentimento como demanda de sofrimento na clínica psicológica.

### **A solidão em jovens universitários**

Autores defendem uma relação entre solidão e vida universitária. Isso se deveria, por exemplo, ao fato de que a solidão afeta em



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

especial os adolescentes e os adultos jovens na fase na qual se deparam com o desenvolvimento de uma identidade própria e a necessidade de uma independência dos pais/núcleo familiar. Macaringue, Cossa, Buque, Mataveia e Siteo (2012), por exemplo, salientam que, para além disso, o uso excessivo da internet influencia o sentimento de solidão em jovens universitários.

Entretanto, tem sido recorrente pesquisas brasileiras constatarem que a solidão é mais comum nos primeiros anos dos cursos, em virtude da nova realidade acadêmica e à insatisfação diante de alguns relacionamentos (FONAPRACE, 2019; Souza, 2017), o que leva alguns universitários a experimentarem profundo sofrimento, principalmente se não se sentirem amados, sem suporte social, afastados de suas casas e sem uma rede de apoio. Diante desta realidade, Venturini e Brandão Goulart (2016, p.96) são da opinião de que se impõe aos gestores das IES “a exigência de intervir sobre um evidente mal-estar [...], através de uma resposta de acolhimento responsável que esteja atento às necessidades específicas desses jovens”.

Bastos e Costa (2005), ao estudarem as implicações para intervenção psicológica da influência de vinculação nos sentimentos de solidão em jovens universitários, constataram que, quando a relação com os pais e a relação amorosa se caracterizam como vínculos seguros, os níveis de solidão são menores. Diante disso, propuseram intervenções cognitivo-comportamentais para modificar crenças disfuncionais e comportamentos autodebilitantes associados à solidão; treino de *skills* sociais, através da utilização de estratégias mais comportamentais centradas na resolução de problemas; e desenvolvimento de redes sociais de apoio, que pode ser uma estratégia útil para a diminuição dos sentimentos de solidão, ao proporcionar ao sujeito novas oportunidades e contextos de interação



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

social, aumentar o autoconhecimento, solidificar a auto-estima e reconstruir a identidade.

Em Minas Gerais, a solidão foi tema da IV Semana de Saúde Mental da UFMG. Ao falar da importância desse evento, Venturini & Brandão Goulart (2016) salientaram que, pelo fato da solidão ser um fator de risco para a saúde mental, o risco aumenta quando o contexto de vida do sujeito é excludente ou carente de solidariedade, como é o caso do ambiente acadêmico universitário. Assim, os autores propõem nas universidades “a criação informal e formal de momentos de auto-mútua-ajuda: coletivos capazes de reciprocidade” (p. 110), considerando que a reciprocidade é cidadania.

O Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE, 2019) apontou que nas universidades federais brasileiras a faixa etária prevalente dos jovens é em torno dos 18 aos 29 anos, período considerado por alguns estudiosos como de risco para a deflagração de transtornos mentais e do comportamento. Dentre os fatores de risco entre universitários, Barroso, Oliveira e Andrade (2019) salientaram a solidão como influenciando inúmeros transtornos como depressão, comportamento suicida, déficits cognitivos e declínio cognitivo acelerado. Os autores, ao realizarem uma pesquisa aplicando diferentes instrumentos a 574 estudantes da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) constataram forte correlação entre solidão, depressão, hábitos, área do curso e suporte social, concluindo que há necessidade urgente de intervenções com esses sujeitos.

Com o isolamento social e o fechamento das IES provocados pela pandemia da COVID-19 após 2020, a realidade ficou mais drástica. Jantara et al. (2022) realizaram uma pesquisa com 147 graduandos de Enfermagem nessa época, para identificar a ocorrência de isolamento social e solidão e sua relação com fatores



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sociodemográficos e de saúde. Lembrando que vários estudos constataram que na população universitária o isolamento social e a solidão foram associados a depressão, ansiedade, insônia, auto-mutilação e emoções negativas, os autores constataram solidão em 49,7% da amostra estudada, concluindo que a situação demandaria políticas públicas de saúde e intervenções por parte das IES.

Recentemente, Barroso et al. (2023) publicaram uma pesquisa sobre as relações entre qualidade de vida e solidão realizada com 268 estudantes de graduação de uma universidade pública do interior de Minas Gerais. Os autores enfatizaram que a maior faixa etária para o risco de solidão é entre 17 e 25 anos e, considerando que essa é a faixa etária de muitos universitários brasileiros, usaram a famosa Escala Brasileira de Solidão (UCLA-BR), constataram que 60,82% dos participantes apresentavam nível mínimo de solidão e concluíram que, pelo fato da solidão afetar negativamente a qualidade de vida, principalmente em seus aspectos sociais, limitação emocional e saúde mental, tornam-se necessárias intervenções para essa população.

Se por um lado, esses estudos versam tão bem sobre o fenômeno da solidão e sua relação com a saúde mental, reconhecendo a necessidade de intervenções por parte das IES, eles não se mostram propositivos em termos de descrições de como poderiam ser essas intervenções. Diante desta carência, discorreremos abaixo sobre estudos em que encontramos propostas de intervenções clínicas fenomenológicas diante da demanda da solidão, para, logo em seguida, descrevermos e defendermos ações interventivas com jovens universitários que apresentam essa demanda.

### **Propostas interventivas fenomenológicas diante da demanda de Solidão**



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Não é difícil encontrar estudos que tematizem a solidão em uma perspectiva fenomenológica, mas nosso intuito é focarmos intervenções diante dessa demanda, em específico na clínica fenomenológica. Não encontramos número considerável de artigos, embora dissertações e teses existam. Assim, deteremo-nos em dois artigos que consideramos interessantes, pela ótica como discutem a solidão e pelas propostas que apresentam.

Sá, Mattar e Rodrigues (2006), a partir da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, discorreram sobre a relação entre solidão e isolamento, vivida pelo homem na era da técnica pela angústia da necessidade de controle e segurança nos relacionamentos. Alertaram, baseados em Medard Boss, que mesmo estando em isolamento, o homem é simplesmente dado como ser-com, ou seja, a solidão é uma forma de comunidade: o que existe é uma comunidade de seres isolados, um modo de ser-com em um mundo comum solitário, em que todos se tornam objetos para todos, estão desenraizados, afastados existencialmente. Defenderam, portanto, que seja proporcionado na clínica fenomenológica um encontro em um espaço para meditar, para reflexão e tematização desse jogo histórico e desse modo de se relacionar utilitarista, para que o sujeito se dê conta que é possível se abrir a outras possibilidades de ser no mundo.

Em uma perspectiva pautada na teoria que embasa a Gestalt-Terapia, considerada uma abordagem humanista, existencial e fenomenológica em Psicologia, Andrade (2006) discorreu sobre a solidão na contemporaneidade a partir da filosofia buberiana, alertando que ela é uma condição imanente ao homem, mas vem sendo vivenciada de uma maneira sofrida e aterrorizadora em uma época de fracasso nos relacionamentos inter-humanos, que promove uma falta de sentido do existir. Neste cenário, a solidão reflete um sujeito que se



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

perdeu na multidão, ao ver-se privado do sentido de comunidade e comunhão.

Para a autora acima, a contemporaneidade é uma época em que o ser humano se deixa tomar pelo esquecimento sistemático daquilo que lhe é mais característico: sua humanidade. Portanto, ele vivencia uma solidão emocional, que o tem deixado solitário e triste. A autora alerta que os sujeitos se tornaram estranhos a si mesmos e, mesmo vivendo em uma sociedade repleta de pessoas, não estabelece nenhuma intimidade, afastam-se existencialmente uns dos outros e se tornam estranhos entre si, pois são incapazes de ligarem-se e estabelecerem vínculos. Diante disso, propõe que a psicoterapia é uma intervenção para compreender o caminho percorrido pelo sujeito e o que não o satisfaz, no sentido dele conquistar autonomia para escolher a trajetória a ser seguida, mesmo lidando com os limites do seu entorno social. Nesse contexto de ofertas materiais e tecnológicas em que se dispensa a presença do outro, somente a presença ativa de outro ser humano pode dar sentido ao vazio da solidão. Esse outro pode ser um psicoterapeuta, que vai ajudar o cliente a abrir os olhos para a realidade concreta de sua existência e responsabilizar-se por suas escolhas.

### **Plantão Psicológico e Grupos Interventivos com jovens universitários: em defesa de intervenções fenomenológicas pautadas na ética da ação coletiva**

Como vimos, ambas as propostas se concentram na psicoterapia. Embora consideremos a psicoterapia como uma modalidade clínica por excelência em Psicologia, reconhecemos que o acesso à mesma por universitários tem sido um pouco dificultoso: ou se tem longas filas de espera em serviços de atenção psicossocial (unidades básicas de saúde, CAPS, serviços escola de Psicologia,



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

dentre outros), ou os discentes estão envolvidos com um calendário acadêmico extensivo de atividades, ou eles, principalmente aqueles em vulnerabilidade social, não têm condições de acesso a planos de saúde ou a uma psicoterapia privada.

No contexto da nossa realidade, a interiorização do ensino superior público no Nordeste levou a um aumento considerável de universitários que vêm de regiões longínquas para concretizar o sonho de realizar um curso superior (Fusco & Ojima, 2016). Assim, grande parte desses estudantes estão distantes de casa e da família, não têm rede de apoio, necessitam se adaptar não só às exigências e aos novos relacionamentos interpessoais da vida acadêmica, como também a uma cidade e cultura diferentes (Pinho, Dourado, Aurélio, & Bastos, 2015; Silva & Azevedo, 2018).

Nesse cenário, são poucos os serviços gratuitos de atenção psicossocial e as universidades públicas, em sua maioria, ou não têm serviços escola de Psicologia e/ou não dispõem de quantitativo suficiente de psicólogos que favoreça um equilíbrio interno entre demandas de sofrimento/adoecimento psíquico e oferta de atendimento especializado. Assim, torna-se bem complexo o manejo de ações de cuidado no contexto interno da universidade, como propõem Macaringue et al. (2012), ao defenderem programas de intervenção para favorecer reabilitação social que permitam minorar ou mitigar os efeitos do sentimento de rejeição e incompetência inerente aos universitários que se sentem solitários, antes desses sujeitos chegarem a uma fase de irreversibilidade.

No entanto, acreditamos que uma modalidade clínica que se torna crucial nesse contexto é o Plantão Psicológico (PP), que pode tanto ser realizado em serviços escola de Psicologia ou em formato itinerante (PPI), quando uma equipe de plantonistas se desloca para o local demandante. Sendo uma prática clínica na contemporaneidade



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(Rebouças & Dutra, 2010), uma ação de pronto atendimento a demandas emergenciais de sofrimento psíquico e ofertado por estudantes de Psicologia com devida supervisão *in loco*, o PP torna-se uma prática democrática, que tanto favorece a formação de futuros psicólogos quanto atende de forma imediata a necessidade da comunidade por atenção psicológica (Rosário & Neto, 2015).

O PP ofertado nas universidades públicas nordestinas tem sido constantemente procurado por universitários, seja presencial ou remotamente (Bezerra, Moura, & Dutra, 2021; Macêdo, Sudário, Souza, & Souza, 2021; Silva, Macêdo, Oliveira, Pinheiro, & Rios, 2021). Portanto,

Considerando-se as dificuldades no acesso ao atendimento psicológico e as tão frequentes filas de espera para psicoterapia, as instituições precisam fazer surgir novas práticas clínicas condizentes com as demandas da contemporaneidade e que possibilitem uma verdadeira ruptura nesse modo de vida automático [...]. Assim, o plantão se mostra muito pertinente por ser um espaço que busca possibilitar o acolhimento e o esclarecimento da queixa, ampliando o nível de consciência e contribuindo para o surgimento de estratégias para lidar com a dor (Bezerra et al., 2021, p.61).

No nosso contexto, desde 2018, temos oferecido PP e PPI exclusivamente para a comunidade acadêmica de IES públicas e privadas, como atividades do projeto de extensão XXXXXX (nome excluído para efeito de avaliação cega por pares) . A maior procura tem sido por universitários, pois muito raramente docentes, servidores, funcionários ou terceirizados das IES procuram o serviço. A ação é divulgada nas redes sociais pela nossa equipe e realizada com supervisão *in loco*, durante um turno de quatro horas na semana.



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Para o PP, temos a estrutura de um serviço escola de Psicologia que, por não poder suspender todas as suas atividades para se voltar apenas ao PP, pois há estagiários e supervisores envolvidos com outras práticas e abordagens psicológicas, nos fornece em torno de quatro salas para atendimentos e uma sala para supervisão, disponibilizando a equipe de servidores/terceirizados lotados no setor para nos dar apoio logístico (recepção, inscrição e abertura do prontuário dos usuários no sistema informatizado para que, depois do atendimento e da supervisão, os plantonistas possam registrar as informações sobre queixa, demanda, histórico do demandante e, se for o caso, os encaminhamentos necessários).

No caso dos PPI, a instituição demandante nos fornece de quatro a seis salas de aula, sendo uma para supervisão, mas só temos apoio logístico para a divulgação anterior da ação pelas redes sociais. Quando nos deslocamos para as IES, lidamos com uma realidade totalmente diferente do serviço escola: infraestrutura de corredores de sala de aula, inscrição dos universitários feita pela nossa própria equipe, espera dos universitários para o horário de atendimento sentados nesses corredores e registro escrito físico nas fichas de atendimentos, sem cadastro das pessoas no banco de dados do serviço escola.

Participam por PP e/ou PPI cerca de 14 a 20 plantonistas, que são estagiários do último ano do curso de Psicologia da nossa instituição, ou extensionistas que estejam cursando a partir do quarto período, quando já foram aprovados nas disciplinas de base fenomenológica. Duas professoras se revezam na supervisão, dependendo da quantidade de pessoas atendidas. Os plantonistas atendem em dupla (um estagiário e um extensionista, ou um extensionista mais experiente com outro menos experiente) e, caso tenham dúvidas como proceder ao longo do atendimento, um deles



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

procura orientação junto à supervisora. Nesse formato de atendimento, como propõem Macêdo, Nunes e Duarte (2021, p. 9-10),

a observação do que o colega faz, a sintonia de pensamentos ou mesmo quando um deles indica está se identificando com a história do cliente e o outro percebe o movimento leva o atendimento em dupla a ser sentido como um recurso estratégico. [...] a sintonia entre eles e a intervenção do colega podem oferecer mais segurança e funcionar como uma confirmação do potencial de escuta clínica pelo iniciante, dando-lhe mais segurança.

Com essa estrutura, conseguimos receber, tanto no PP quanto no PPI, uma média de 12 a 20 estudantes de diversos cursos por turno de quatro horas, sendo os atendimentos realizados com teto de mais ou menos uma hora e intercalados por supervisão, conforme os atendimentos vão sendo finalizados.

Vimos identificando, tal como constataram Macêdo et al. (2021), que, as demandas mais comuns e urgentes, que consistem em fatores de risco para a saúde mental desses sujeitos, são aquelas inerentes a questões intrapessoais e interpessoais, tais como dificuldades nas relações familiares e sociais, dificuldades de estabelecer vínculos, dificuldades de comunicação, problemas em relacionamentos amorosos, habilidades sociais comprometidas, isolamento social, timidez, insegurança e solidão. Essa última tem sido mais comum entre estudantes do gênero feminino, público que também tem narrado histórico de abuso sexual e/ou violência doméstica. Certamente que todos esses fatores estão entrelaçados, vulnerabilizando a saúde mental dessas universitárias.

Após a pandemia, contudo, o sentimento de solidão tem sido uma das demandas mais recorrentes. Os universitários têm referido que não conseguem falar sobre suas questões pessoais ou sobre o sofrimento com algum parente, com colegas e amigos. Sentem-se



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sozinhos e não confiam em revelar seus segredos para pessoas próximas, sejam da universidade ou do seu convívio social mais amplo. Muitos ao menos conseguem estabelecer vínculos.

Diante disso, reconhecemos como significativo nos PP identificar junto com o universitário fatores de proteção ainda não percebidos por ele e que podem mitigar seu sofrimento psíquico, constituindo-se como cuidado à sua saúde mental. Esse tem sido um caminho encontrado pelos plantonistas. Dentre esses fatores, no diálogo facilitado no PP ou no PPI, existem aqueles diretamente relacionados ao próprio sujeito (por exemplo, ampliação do autoconhecimento e percepção do próprio potencial de mudança) e ao meio em que o ele está inserido, seja dentro ou fora da universidade, tais como colegas, amigos e familiares. Essas relações podem representar, assim como propõem Gomes, Comonian e Araújo (2018), vínculos cuidadosos, que contribuem para a saúde mental do discente no dia a dia da universidade.

Percebemos, ao final dos atendimentos, como os universitários saem mais leves, mais cientes de si mesmos, mais confiantes em buscar ajuda e confiar nas pessoas. Interessante que isso é vivido em uma relação de ajuda em que os facilitadores também são universitários que, muitas vezes, vivenciam problemas semelhantes a quem busca o PP ou o PPI. Nesse sentido, a supervisão se torna um dispositivo essencial, pois, como bem alertam Macêdo, Nunes e Souza (2020), ela ajuda o estudante de Psicologia a identificar a demanda, diferenciar-se do usuário, sustentar conflitos e adotar uma atitude clínica profissional.

Outra modalidade clínica que adotamos é o Grupo Interventivo (GI). Não concordamos com Rodrigues (2018) para quem as atividades em grupo não são muito eficazes diante da demanda de solidão. O autor justifica isso defendendo que “juntar pessoas isoladas não tende a criar novas amizades, dado que os pensamentos e os



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

comportamentos dos indivíduos que se sentem sozinhos não os tornam atraentes para estabelecer novas relações” (p.4). Estamos defendendo aqui intervenções sistemáticas na clínica fenomenológica, onde o objetivo não é promover amizades entre as pessoas, mas que elas, por compartilharem de uma mesma realidade que as leva ao sofrimento, possam ressignificar o sentimento de solidão, produzirem novos sentidos sobre esta experiência e construir conjuntamente estratégias de enfrentamento, favorecendo a melhoria de sua qualidade de vida e saúde mental. Como nos propõe Enriquez (1998/2023, p. 29), a solidão “é um fermento do pensamento, uma vez que desnuda as limitações sociais, submetendo-as a críticas. Favorece a singularidade, e, de maneira aparentemente contraditória, favorece a possibilidade de desenvolver ações coletivas”.

Assim, defendemos o GI como ação clínica fenomenológica diante de demandas de sofrimento psíquico como é a solidão entre universitários (e também docentes). Para isso, temos adotado a seguinte sistemática para iniciar a condução de um grupo: divulgamos o serviço pelas redes sociais e disponibilizamos um formulário on-line para preenchimento, cujas informações envolvem dados sociodemográficos dos interessados e opções de horários. O GI é conduzido no serviço escola e, por se tratar de processo mais delongado, não temos adotado a prática fora dos muros dessa instituição. O processo é conduzido por dupla de facilitadores, também estagiários e extensionistas, em oito encontros semanais de duas horas cada, supervisionados também semanalmente.

A ideia é formar um grupo com no máximo dez participantes. No entanto, lida-se com o fato de muitos se inscreverem, mas poucos efetivamente participarem do processo. Por isso, temos feito uma convocação inicial dos inscritos para explicar o que constitui um GI,



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

quantos encontros são realizados e pactuar os dias e horários dos encontros, o que tem aumentado a adesão e diminuído a evasão.

Em um GI, caminhamos por um ciclo hermenêutico, onde fazemos um contrato inicial de convivência; partimos da exploração e do compartilhamento do sentido da experiência; buscamos facilitar um resgate da consciência histórica de cada participante; confrontamos opiniões, pensamentos e sentimentos; exploramos o entorno social dos participantes; incentivamos a participação mútua no processo; e culminamos com a construção conjunta de estratégias de enfrentamento da realidade.

Lançamos mão para isso da hermenêutica colaborativa, um método humanista-fenomenológico (Macêdo, 2015), pautado em preceitos filosóficos de Merleau-Ponty, como o mundo-da-vida e a intersubjetividade; Hans-Georg Gadamer, como a conversação, a consciência histórica e a fusão de horizontes; assim como em conceitos teóricos propostos por Carl Rogers, especificamente a consideração positiva incondicional e a autenticidade.

A autora publicou alguns estudos e pesquisas com o método ao conduzir grupos interventivos. Ela os defende como prática clínica para ser conduzida com universitários em sofrimento psíquico, pois “ao ter a possibilidade de compartilhar experiências e produzir sentidos, uma nova tecitura pode ser possível: onde os participantes possam prestar atenção à corrente experiencial de cada um e de todos” (Macêdo, 2018, p.271).

Segundo a autora e seus parceiros de intervenção e pesquisa, esses grupos têm promovido os seguintes resultados nos participantes: satisfação com a vida, auto-imagem positiva, recursos de enfrentamento, otimismo, estabilidade emocional, sentimento de surpresa diante de problemas e dificuldades em comum com outros universitários, ampliação de vínculos entre os participantes, reflexão



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sobre o passado (relacionado com o presente e com novas expectativas de futuro), responsabilidade para assumir as próprias escolhas e ter coragem para mudar, aceitação das próprias dificuldades, reconhecimento da autonomia e dos próprios potenciais de mudança, além de construção conjunta de projetos de vida (Macêdo, 2018; Macêdo, Nunes, & Souza, 2020).

Também têm possibilitado que os facilitadores, estudantes de Psicologia, passem por um processo de encantamento pela Psicologia, crescimento pessoal, desenvolvimento profissional, reconhecimento dos próprios limites e da necessidade de um processo pessoal, desenvolvimento da escuta e da atitude clínica, além da internalização das bases para o desenvolvimento da identidade profissional (Macêdo, Souza, & Nunes, 2021).

Com esse aparato teórico-prático em mãos, entre 2020 e até o início de 2022, época marcada profundamente pela pandemia da COVID-19, enfrentamos o desafio de conduzir grupos remotos, pela Plataforma *Meet*. Nesse período e após ele, já no retorno ao formato presencial, a solidão esteve muito presente como demanda entre os universitários, principalmente entre aqueles que são de regiões distantes da cidade onde suas universidades estão localizadas, do gênero feminino, LGBTQIAPN+ e ingressantes (independentemente de gênero). Nesse contexto, os GI são altamente potentes para que os sujeitos ressignifiquem coletivamente o sofrimento que o sentimento de solidão enseja, ampliem vínculos na academia, desenvolvam habilidades sociais, e revejam seus modos de ser e se relacionar.

Nesse sentido, consideramos que as ações clínicas interventivas aqui esboçadas e defendidas para demandas de solidão entre universitários estão pautadas na ética da ação coletiva: no sentido de construirmos uma rede mútua de reconhecimento e cuidado, rompendo totalmente com uma prática psicológica individualista e individualizante,



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

promotora de um sujeito auto-suficiente. Buscamos, assim, adotar uma dimensão do NÓS (Prado, 2001), numa constante luta política contra a opressão social da cultura do produtivismo acadêmico alto performático, numa efetiva luta por direitos, dentre eles, a atenção psicossocial nas IES públicas.

A própria equipe de supervisoras e plantonistas está conectada por sentimentos de apoio mútuo, solidariedade e respeito à diferença. Em nossos encontros, todos participam ativamente das propostas, interpretações, tomadas de decisão. Todos estão dispostos a ofertar calor humano intra-equipe e estão atentos nos corredores a qualquer sinal de sofrimento psíquico entre os universitários que os percorrem.

Muitas vezes, sentimo-nos impactados com certos comportamentos frios e calculistas de colegas, com uma ideia distorcida de ciência dentro da própria ciência que abarcamos como prática profissional, ou mesmo dentro de um contexto em que o que vale são os pontos acumulados, os coeficientes de rendimento escolar e a produção científica *lattesmedida*. As pessoas não conseguem se solidarizar com o sofrimento alheio, talvez nem mesmo o percebam, envolvidas que estão com o próprio desempenho.

Assistimos a conflitos e divergências que só afastam as pessoas que pensam diferente, ao invés do encontro de diferenças ser uma possibilidade para que surja algo novo, que beneficie todos. No entanto, nos nossos momentos de supervisão, PP, PPI e GI, entramos em contato com a possibilidade do verdadeiro encontro dialógico, sentimos na pele o que é uma coletividade unida em busca de promover saúde e qualidade de vida de pessoas e instituições, missão máxima da Psicologia.

Portanto, acreditamos ser possível ações clínicas fenomenológicas para promover a ética da ação coletiva nas



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

universidades, amparada pelo espaço do dialogar e ser dialógico, como bem defendido pelo grande mestre da educação, Paulo Freire (1983):

Ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em "seres para outro" por homens que são falsos "seres para si". É que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica.

### **Considerações Finais**

A atenção psicossocial à saúde mental dos que fazem a comunidade acadêmica das IES públicas no Brasil deve ser pauta do ativismo de todos, docentes, discentes, servidores, gestores, governo e sociedade. Essas instituições educativas estão adoecidas, todos os seus atores estão em profundo sofrimento psíquico, seja pelo excesso de trabalho, sejam pelas condições degradantes de formação, seja pela falta de recursos financeiros e estruturais.

Em uma cultura em que se foca o melhor, o mais competente, o mais sábio, fica difícil expressar cansaço, sofrimento e dor, como se esses sentimentos fossem inerentes apenas aos fracos. Certamente isso leva ao silenciamento do sofrimento vivido no seio da solidão patológica, causando efeitos deletérios à saúde mental.

Portanto, tornam-se urgentes políticas públicas de atenção psicossocial aos universitários que, por serem em maior número nas academias e viverem em condições de vulnerabilidade social, não têm como ser contemplados um a um em uma prática individualizante de consultório.



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Nesse sentido, defendemos um serviço escola de Psicologia para todos, com ações coletivas, com práticas diárias de PP internas, mas também de PPI, saindo dos seus muros na itinerância do cuidado, levando atenção psicológica para serem efetivamente psicossociais junto a universidades que não possuem esse setor e demandam ajuda. Também defendemos que sejam ofertadas mais ações clínicas grupais, para que os resultados de processos de grupo aqui já listados alcancem um maior número de universitários, ampliando possibilidades de compartilhamento do sofrimento, de elaboração de estratégias coletivas de enfrentamento e de estabelecimento de vínculos dialógicos, que são a base para uma cultura solidária e saudável nas instituições.

### Referências

- Almeida, T.(2020). Solidão, solitude e a pandemia da COVID-19. *Pensando famílias*, 24(2), 3-14. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2020000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200002&lng=pt&tlng=pt)
- Andrade, C. C. (2006). A solidão na contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, XII(1), 83-91. <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735503007.pdf>
- Barroso, S. M., Oliveira, N. R. de, & Andrade, V. S. de. (2019). Solidão e Depressão: Relações com Características Pessoais e Hábitos de Vida em Universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35427>
- Barroso, S. M., Sousa, A. A. S., & Rosendo, L. S. (2023). Impacto da solidão na qualidade de Vida de universitários de Minas Gerais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, e243909, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003243909>
- Bastos, M. T., & Costa, M. E. (2004). A influência da vinculação nos sentimentos de solidão nos jovens universitários: Implicações para a intervenção psicológica. *Psicologia*, 18(2), 33–56. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v18i2.429>



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Bezerra, C., Pereira Moura, K., & Dutra, E. (2021). Plantão psicológico on-Line a estudantes universitários durante a pandemia da Covid-19. *Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 13(2). <https://doi.org/10.26823/nufen.v13i2.22515>

Enriquez, E. (1998). Revisão técnica de Takeuti, N. M. (2013). Da solidão imposta a uma solidão solidária. *Revista Cronos*, 5(1/2), 19-33. <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3230>

Ferreira, J. B. (2013). Patologias da solidão. In F. O. Vieira, A. M. Mendes, & Merlo, A. C. (2013). *dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. pp 275-279. Juruá.

Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. (2019). *V Pesquisa do Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior*. FONAPRACE. <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Clique-aqui-para-acessar-o-arquivo-completo.-1.pdf>

Fusco, W., & Ojima, R. (2016). Nordeste do Brasil: interiorização do ensino superior e mobilidade pendular. *Conference: VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, At Foz do Iguaçu (PR). <https://www.researchgate.net/publication/309477495>

Gomes, C., Araújo, C. L., & Comonian, J. O. (2018). Sofrimento psíquico na universidade: uma análise dos sentidos configurados por acadêmicos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(2), 255-266. <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1909>

Han, B-C. (2010). *Sociedade do Cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini, 2ª edição ampliada, 2017. Vozes.

Jantara, R. D., Abreu, D. PG, Santana, L. L. S, Piexak, D. R., Ribeiro, J. P., & Barlem, J. G. T. (2022). Isolamento social e solidão em estudantes de enfermagem no contexto da pandemia Covid-19. *Revista de Enfermagem - UERJ*, 30, e63609. <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2022.63609>

Macaringue, D, Cossa, Q., Buque, C., Mataveia, G., & Siteo, A. (2012). A Solidão na comunidade acadêmica. *Percurso & Ideias - Revista Científica do ISCET*, 3 e 4 (2), 21-38.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

[https://percursosideias.iscet.pt/wp-content/uploads/2022/03/PI\\_2011-12\\_N03-04\\_SS03.pdf](https://percursosideias.iscet.pt/wp-content/uploads/2022/03/PI_2011-12_N03-04_SS03.pdf)

Macêdo, S. (2015). *Clínica humanista-fenomenológica do trabalho. A construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho*. Juruá.

Macêdo, S. (2018). Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. *Eco: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(2): 265-277. <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>

Macêdo, S., Nunes, A. L., & Duarte, M. V. G. (2021). Escuta clínica, triagem e plantão psicológico em um serviço-escola pernambucano. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, e219706, 1-17. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003219706>

Macêdo, S., Nunes, A. L. P., & Souza, M. P. G. de. (2020). Hermenêutica colaborativa na pesquisa fenomenológica interventiva com universitários em sofrimento psíquico. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 1(2), 349-372. <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/33>

Macêdo, S., Souza, M. P. G. de, & Nunes, A. L. P. (2021). Experiências de estudantes de psicologia ao conduzir grupos com outros universitários. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 27(2), 147-158. <https://dx.doi.org/10.18065/2021v27n2.2>

Macêdo, S., Sudário, N. D., Souza, M. P. G. de, & Souza, M. A. T. P. de. (2021). Universitários em sofrimento psíquico: estudo em serviço escola do interior pernambucano. *Revista do NUFEN*, 13(2), 1-14. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912021000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000200002&lng=pt&tlng=pt)

Moreira, V., & Callou, V. (2006). Fenomenologia da solidão na depressão. *Mental*, 4(7), 67-83. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272006000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000200005&lng=pt&tlng=pt)

Pinho, A. P. M., Dourado, L. C., Aurélio, R. M., & Bastos, A. V. B. (2015). Transição do ensino médio para a universidade: um estudo qualitativo sobre os fatores que influenciam este processo e suas possíveis consequências comportamentais. *Revista de Psicologia*,



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

1(6),

33-47.

<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1691>

Prado, M. A. (2001). Psicologia política e ação coletiva: notas e reflexões acerca da compreensão do processo de formação identitária do “nós. *Psicologia Política*, 1(1),149-172.

Rebouças, M. S. S., & Dutra, E. (2010). Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 19-28.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&tlng=pt)

Ricoeur, P. (1991). *O si-mesmo como um outro*. Papirus.

Rodrigues, R. M. (2018). Solidão, um fator de risco. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 34(5), 334–338.  
<https://doi.org/10.32385/rpmgf.v34i5.12073>

Rosário, A. B., & Neto, F. K. (2015). Plantão psicológico em uma clínica-escola de Psicologia: saúde pública e psicanálise. *A PESTE: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, 7(1), 37-48. doi: <https://doi.org/10.5546/peste.v7i1.30463>

Sá, R. N., Mattar, C. M., & e Rodrigues, J. T. (2006). Solidão e relações afetivas na era da técnica. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, 18(2), 111-124.  
<https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/dS87wJbfXRtSQHcQBF5qnPG/?format=pdf&lang=pt>

Silva, L. K. L. da, Macêdo, S., Oliveira, J. C. N. S. P., Pinheiro, M. L. S., & Rios, P. M. B. (2021). Plantão psicológico remoto para universitários em sofrimento psíquico. *Fórum Regional de Pesquisa e Intervenção (FOR-PEI)*, (3).  
<https://periodicosfacesf.com.br/index.php/FOR-PEI/article/view/231>

Silva, M. V .M., & Azevedo, A. K. S. (2018). Um olhar sobre o suicídio: vivências e experiênciasde estudantes universitários. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(3), 390-401.  
<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1908/0>

Venturini, E., & Brandão Goulart, M. S. (2016). Universidade, solidão e saúde mental. *Interfaces - Revista De Extensão Da UFMG*, 4(2), 94–136.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18985>

**Recebido: 06-2023**  
**2023**

**Aceito: 20-06-2023**

**Publicado: 01-07-**

**Autora:**

**Shirley Macêdo**

Doutora em Psicologia Clínica. Docente do Colegiado de Psicologia e da Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), onde coordena o Laboratório de Estudos e Práticas Transdisciplinares em Saúde e Educação (LETRANS) e o Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário (NuCEU).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1619-2353>

E-mail: [shirley.macedo@univasf.edu.br](mailto:shirley.macedo@univasf.edu.br)

**Recebido: 06-2023**  
**2023**

**Aceito: 20-06-2023**

**Publicado: 01-07-**

**Autora**

**Shirley Macêdo**

Doutora em Psicologia Clínica. Docente do Colegiado de Psicologia e da Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), onde coordena o Laboratório de Estudos e Práticas Transdisciplinares em Saúde e Educação (LETRANS) e o Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário (NuCEU).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1619-2353>

E-mail: [shirley.macedo@univasf.edu.br](mailto:shirley.macedo@univasf.edu.br)